

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:
ANÁLISE EXISTENCIAL E GESTALT TERAPIA

VANESSA APARECIDA LOURENÇO GONÇALVES

**Adoecimento Existencial e a Drogadição: Uma Abordagem Existencial
Fenomenológica**

BELO HORIZONTE

2025

VANESSA APARECIDA LOURENÇO GONÇALVES

Adoecimento Existencial e a Drogadição: Uma Abordagem Existencial Fenomenológica

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. José Paulo Giovanetti

BELO HORIZONTE

2025

150
G635a
2025

Gonçalves, Vanessa Aparecida Lourenço.
Adoecimento existencial e a drogadição [recurso eletrônico] : uma abordagem existencial fenomenológica / Vanessa Aparecida Lourenço Gonçalves. - 2025.

1 recurso online (31 f.): pdf.
Orientador: José Paulo Giovanetti.
Coorientadora: Saleth Salles Horta.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt Terapia - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Existencialismo.2. Drogas.3. Psicologia fenomenológica.
I. Giovanetti, José Paulo. II.Horta, Saleth Salles. III.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
IV.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

O ADOECIMENTO EXISTENCIAL E A DROGADIÇÃO: UMA ABORDAGEM EXISTENCIAL FENOMENOLÓGICA
VANESSA APARECIDA LOURENÇO GONÇALVES

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

José Paulo Giovanetti - Orientador

FAFICH/UFMG

Saleth Sales Horta

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 07 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**,
Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 07/07/2025, às 17:07, conforme horário oficial de
Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4358104** e
o código CRC **50EBB05A**.

RESUMO

Este trabalho explora a relação entre o adoecimento existencial e a drogadição sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Com base em conceitos fundamentais da fenomenologia e da abordagem existencial, investiga-se como o vazio existencial, a angústia e a desconexão com o mundo podem levar o indivíduo a buscar, nas drogas, uma forma de alívio ou sentido temporário. Também se analisa como a drogadição pode ser entendida como uma manifestação do sofrimento humano diante da dificuldade de encontrar autenticidade e propósito na vida. Dividido em quatro capítulos, o estudo explora conceitos fundamentais como as tonalidades afetivas, o papel do outro na construção do ser, e o mal-estar da contemporaneidade. A abordagem qualitativa utilizada privilegia a análise da experiência humana, enfatizando os modos de ser e as possibilidades de transformação do existir frente ao sofrimento psíquico. O objetivo é contribuir para uma compreensão mais profunda do fenômeno da drogadição, oferecendo subsídios para intervenções clínicas mais integradas e humanizadas. O estudo ressalta ainda a importância de uma abordagem terapêutica que acolha o sujeito em sua totalidade, considerando suas tonalidades afetivas e possibilidades existenciais como pontos de partida para o resgate de sua autonomia e sentido de ser.

Palavras-chave: Adoecimento Existencial, Drogadição, Fenomenologia, Existencialismo, Psicoterapia

ABSTRACT

This work explores the relationship between existential illness and drug addiction from a phenomenological-existential perspective. Based on fundamental concepts from phenomenology and the existential approach, it investigates how existential emptiness, anguish, and disconnection from the world can lead individuals to seek relief or temporary meaning through drug use. It also analyzes how drug addiction can be understood as a manifestation of human suffering in the face of difficulties in finding authenticity and purpose in life. Divided into four chapters, the study examines fundamental concepts such as affective tonalities, the role of the other in the construction of the self, and the malaise of contemporaneity. The qualitative approach prioritizes the analysis of human experience, emphasizing modes of being and possibilities for transforming existence in the face of psychological suffering. The objective is to contribute to a deeper understanding of the phenomenon of drug addiction, offering insights for more integrated and humanized clinical interventions. The study also highlights the importance of a therapeutic approach that embraces the subject in their entirety, considering their affective tonalities and existential possibilities as starting points for reclaiming their autonomy and sense of being.

Keywords: Existential illness, Drug addiction, Phenomenology, Existentialism, Psychotherapy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1.O MAL-ESTAR EXISTENCIAL DA CONTEMPORANEIDADE.....	10
1.1 A Raiz do Mal-Estar no Ser Contemporâneo.....	11
1.2 Tonalidades Afetivas no Mal-Estar Contemporâneo.....	13
1.3 O Outro e a Construção do Sentido.....	14
1.4 O Mal-Estar e a Questão do Ter e do Ser.....	15
1.5 Possibilidades de Superação.....	16
2. ABORDAGEM EXISTENCIAL E O ADOECIMENTO EXISTENCIAL.....	17
2.1 Modos de existir segundo alguns teóricos existencialistas.....	17
2.2 O Modo de Existir e a Angústia na Perspectiva Heideggeriana.....	17
2.3 Sartre: Liberdade, Escolha e Má-Fé no Contexto do Uso de Drogas.....	19
2.4 Kierkegaard: Angústia, Liberdade e a Busca por Sentido.....	20
3. O USO DE DROGAS DO PONTO DE VISTA DA PSIQUIATRIA E DSM-V.....	22
3.1 Uso de Drogas e a Psiquiatria: A Perspectiva do DSM-5.....	23
3.2 Comorbidades e Implicações Clínicas.....	24
4 USO DE DROGAS NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA- MARCELO SODELLI.....	24
4.1 A Abordagem Proibicionista: Limitações e Críticas.....	25
4.2 A Perspectiva Fenomenológica Existencial.....	26
4.3 A Redução de Danos como Alternativa.....	27
4.4 Implicações para a Prática Psicológica	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade traz consigo desafios únicos ao existir humano. O avanço tecnológico, a multiplicidade de escolhas e a exigência constante de desempenho criam um cenário, no qual o indivíduo frequentemente se depara com sentimentos de alienação, vazio e falta de sentido. Esse contexto pode favorecer o adoecimento existencial, uma condição em que o ser perde o contato com suas possibilidades autênticas e experimenta uma desconexão com o mundo e consigo mesmo.

Do ponto de vista existencial, o adoecimento não se limita à manifestação de sintomas físicos ou psicológicos, mas refere-se a uma perda de sentido, um vazio existencial ou um sofrimento profundo que marca a experiência do ser-no-mundo. A Psicologia Existencial Fenomenológica é uma abordagem que valoriza a experiência subjetiva e a relação com o mundo, permitem compreender como o uso de substâncias pode ser uma tentativa de lidar com esse adoecimento.

Na perspectiva fenomenológica, o ser humano é compreendido em sua totalidade, considerando-se a interação constante com o outro e com o mundo, conforme afirma Merleau-Ponty (1999). Nesta ótica, a drogadição não é apenas uma dependência química, mas uma expressão do sofrimento existencial e da busca por sentido, no qual o sujeito, frente a uma experiência de alienação ou desconexão, busca aliviar a angústia inerente ao existir.

Na sociedade contemporânea, o fenômeno da drogadição aparece de forma complexa e multifatorial, afetando indivíduos de diferentes idades e contextos socioeconômicos. Conforme definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), drogas são substâncias químicas que alteram a atividade ou a estrutura do organismo. A OMS as classifica em três categorias principais: depressoras, que reduzem a atividade cerebral e podem provocar sedação; estimuladoras, que geram euforia e sensação de energia aumentada e perturbadoras, que afetam diretamente o funcionamento do sistema nervoso central.

A escolha desse tema busca explorar o uso de drogas não apenas como um problema de saúde pública, todavia, como um fenômeno existencial, no qual a busca por sentido e a relação com o outro emergem como aspectos centrais para o entendimento da experiência do sujeito em sofrimento. Nesse contexto, a drogadição pode ser entendida como uma resposta a um vazio existencial, no

qual o indivíduo, em busca de alívio para seu sofrimento, recorre a tais substâncias como forma de escapar ou evitar a dor emocional.

A relação com o outro, que é um aspecto fundamental na construção da identidade e no sentido de pertencimento, também desempenha um papel crucial nessa dinâmica. A falta de estrutura familiar, o afastamento social, a falta de apoio emocional e a desconexão com a comunidade podem intensificar o sofrimento e levar ao uso de drogas como um mecanismo de enfrentamento.

Além disso, a compreensão do uso de drogas sob a perspectiva existencial permite que se considere não apenas as condições pessoais do sujeito, mas também as influências familiares, sociais e culturais que moldam suas experiências. A sociedade muitas vezes estigmatiza o dependente químico, o que pode resultar em um ciclo de marginalização e isolamento, tornando ainda mais desafiadora a busca por significado e conexão.

Assim, procurar entender o fenômeno da drogadição através dessa lente não só enriquece a compreensão do comportamento do indivíduo, mas também propõe um olhar mais empático e abrangente sobre o sofrimento humano, ressaltando a importância de abordar as questões existenciais e relacionais que permeiam a experiência do indivíduo na drogadição.

Nesse panorama, o uso de substâncias psicoativas ganha destaque como tentativa de fuga ou alívio das angústias existenciais. Sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, a drogadição não é apenas um problema comportamental ou químico, mas um fenômeno humano que expressa modos de existir e se relacionar com o mundo.

O adoecimento existencial emerge como uma questão premente na contemporaneidade, marcada por crises de sentido, pressões sociais intensas e o predomínio de valores que frequentemente privilegiam o ter em detrimento do ser. Este trabalho busca explorar essa condição a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, que permite compreender o sofrimento humano em sua profundidade, considerando as tonalidades afetivas que permeiam a existência e o papel essencial do outro na construção do sentido da vida.

O primeiro capítulo é dedicado ao mal-estar existencial da contemporaneidade. A análise começa ao investigar suas raízes, dialogando com as dinâmicas entre o ter e o ser, aspectos que frequentemente influenciam o modo como os indivíduos lidam com a liberdade, a responsabilidade e a autenticidade. Neste

contexto, as tonalidades afetivas são destacadas como elementos fundamentais que revelam a forma como o ser-no-mundo experimenta e interpreta o sofrimento. Além disso, são abordadas as possibilidades de superação desse mal-estar, enfatizando a necessidade de ressignificar as relações consigo mesmo e com os outros.

O segundo capítulo aprofunda a abordagem existencial ao adoecimento, explorando os modos de existir segundo importantes teóricos do existencialismo, como Heidegger, Sartre e Kierkegaard. A angústia, a liberdade e a má-fé são discutidas como categorias centrais para entender o ser humano e suas escolhas, especialmente no contexto do uso de drogas. A partir dessas reflexões, são delineadas as implicações da drogadição como uma forma de enfrentamento muitas vezes disfuncional dos desafios da existência.

No terceiro capítulo, o foco se volta para as perspectivas da psiquiatria sobre o uso de drogas, com ênfase na análise dos critérios diagnósticos, das comorbidades associadas e das intervenções clínicas propostas pelo DSM-5. Embora essa abordagem traga contribuições importantes para a compreensão e manejo dos casos, ela também revela uma tendência à medicalização do sofrimento, reduzindo experiências existenciais complexas a categorias nosológicas e protocolos farmacológicos. Tal reducionismo pode obscurecer as dimensões subjetivas e contextuais vividas pelos usuários de drogas, limitando o olhar clínico e dificultando intervenções mais humanizadas e integradas.

Por fim, o quarto capítulo adota a lente da psicologia fenomenológica, especialmente na visão de Marcelo Sodelli, para propor alternativas ao modelo proibicionista. São exploradas a perspectiva fenomenológico-existencial e a abordagem de redução de danos, que consideram o sofrimento humano em sua singularidade e propõem intervenções mais humanizadas e integradoras.

Durante experiência profissional, em trabalho voluntário, atendi um grupo feminino, no qual algumas mulheres usaram álcool e outras drogas, o acolhimento aconteceu por aproximadamente um ano. Esta realidade levou a percepção do quanto o outro interfere no vazio existencial do ser. Em seus relatos elas usavam drogas buscando fugir de alguma coisa, que muitas vezes não sabiam nomear. A partir dessas interações surgiu a vontade de aprofundar no tema. Desta feita, este trabalho busca compreender a relação entre

adoecimento existencial e drogadição, explorando as implicações dessa dinâmica na contemporaneidade.

Bem assim, este trabalho busca não apenas descrever o fenômeno da drogadição, mas também compreendê-lo a partir de uma abordagem que privilegia o ser em sua totalidade, reconhecendo as tensões e possibilidades que permeiam sua existência. Essa abordagem tem como objetivo contribuir para a prática psicológica, abrindo caminhos para um cuidado mais profundo e transformador.

1 O MAL-ESTAR EXISTENCIAL DA CONTEMPORANEIDADE

O mal-estar existencial, enquanto um fenômeno essencialmente humano, torna-se especialmente evidente no contexto da contemporaneidade. Esta é uma época marcada por inúmeras transformações culturais, sociais e tecnológicas que impactam profundamente a experiência do ser-no-mundo. Sob a perspectiva fenomenológico-existencial, cabe investigar como tais mudanças incidem sobre o modo de ser do homem e suas tonalidades afetivas.

A contemporaneidade é marcada por um paradoxo: enquanto oferece liberdade e possibilidades ilimitadas, também sobrecarrega o indivíduo com incertezas e demandas. Segundo Giovanetti (2024), vivemos em uma sociedade do consumo exacerbado, na qual a busca por prazer imediato e satisfação constante predomina, frequentemente em detrimento de valores mais profundos. A sociedade da contemporaneidade é imediatista, a partir do avanço tecnológico, a vida tem sofrido mudanças rápidas, causando transformações ainda assustadoras. Assim as pessoas perdem a própria identidade e a conexão com o seu próprio eu, buscando cada dia mais situações que possam alimentar uma insatisfação interna, devido a aceleração das vivências do dia a dia.

Essa aceleração dos ritmos e a superficialidade das relações criam um ambiente propício ao que Heidegger chamou de inautenticidade, um modo de ser em que o indivíduo se distancia de sua própria essência, conformando-se às exigências externas. A inautenticidade manifesta-se na fuga do confronto com as questões fundamentais da existência, como a finitude e a liberdade. Em vez de encarar a ansiedade, que revela a precariedade e indeterminação do ser e tende a refugiar-se nas distrações do cotidiano, no trabalho, no entretenimento e na rotina.

Essa fuga impede o ser de acessar suas potencialidades mais próprias, pois a existência passa a ser guiada por fatores externos. A drogadição é um fator externo, porém, não pode ser compreendida de forma isolada das condições sociais e culturais que influenciam os indivíduos. A sociedade contemporânea, marcada pela pressão por desempenho, o consumismo e a busca incessante por prazer, cria um ambiente propício para o uso de drogas.

O uso de drogas pode ser compreendido fenomenologicamente como uma manifestação do modo de ser-no-mundo. Partindo das ideias de Heidegger, exploraremos o quanto as substâncias funcionam como uma estratégia de fuga da angústia existencial, proporcionando uma ilusão de controle ou alívio temporário da condição de ser-jogado no mundo.

O estigma associado à drogadição frequentemente agrava o sofrimento existencial do usuário, reforçando a sensação de alienação e isolamento social. Este é um fator que intensifica significativamente o sofrimento existencial dos indivíduos que fazem uso de substâncias que entorpecem, alucinem, deprimem. Este sofrimento, que muitas vezes é motivado pela dificuldade de encontrar um sentido para a existência, é exacerbado pelo julgamento social e pelo afastamento que o estigma promove.

O sofrimento existencial do usuário de drogas não se limita às dificuldades internas de lidar com sua angústia, vazio ou finitude; ele é amplificado pelo olhar social que condena e marginaliza. A exclusão social transforma a experiência do uso de drogas em um marcador de desvio moral ou fracasso pessoal, ignorando os contextos mais amplos, como traumas, desigualdades e falta de oportunidades que frequentemente acompanham a drogadição.

1.1 A Raiz do Mal-Estar no Ser Contemporâneo

A experiência humana é tecida em relações de sentido que se desenrolam no campo da existência. No entanto, as estruturas que antes forneciam uma base para tais relações foram significativamente abaladas. A aceleração do tempo, a virtualização das relações e a hiperconectividade criaram novos modos de ser que nem sempre promovem a autêntica compreensão de si e do outro.

Segundo Giovanetti (2024), o indivíduo contemporâneo se encontra fragmentado entre múltiplas demandas, muitas vezes incapaz de sustentar um sentido

coerente para sua existência. Esse estado de desorientação e vazio facilita o surgimento de comportamentos compulsivos, como o abuso de drogas, vistos como tentativas de preencher lacunas existenciais ou silenciar angústias.

Para muitos, o cotidiano se torna uma repetição de tarefas e responsabilidades que não parecem autenticamente próprias. Quando a pessoa não encontra propósito ou direção em seu dia a dia, a sensação de vazio pode se tornar insuportável. Esse vazio é uma experiência direta da ausência de sentido que, em termos existenciais, é um enfrentamento com a própria angústia. No dia a dia, as exigências do trabalho, os relacionamentos e as expectativas sociais podem sobrecarregar o indivíduo, gerando uma sensação de peso que é, em essência, a luta pela sobrevivência em meio às pressões externas.

As drogas, nesse contexto, podem ser vistas como um meio de anestesiar essa angústia, oferecendo alívio temporário para a dor de existir sem propósito. Elas criam uma falsa sensação de controle ou transcendência que, embora ilusória, permite escapar, ainda que momentaneamente, do peso existencial. O peso existencial é uma noção que emerge das reflexões fenomenológicas e existenciais sobre a condição humana. Ele se refere à carga emocional, psicológica e ontológica de viver em um mundo onde somos responsáveis por criar sentido para nossa existência, confrontar a liberdade e lidar com a finitude. Essa condição é, ao mesmo tempo, fonte de angústia e possibilidade.

A consciência da morte, da nossa finitude é uma dimensão central do peso existencial. Heidegger destaca que a morte não é apenas um evento futuro, mas uma possibilidade que permeia toda a nossa existência. Estar ciente dessa possibilidade pode gerar angústia, pois nos confronta com a fragilidade e a transitoriedade de tudo o que somos e construímos. Esse peso pode se manifestar como um senso de urgência ou como uma paralisia diante da vida, dependendo de como cada indivíduo lida com sua finitude.

Aponta Giovanetti (2024), que o mal-estar contemporâneo não é meramente um reflexo de eventos externos, mas uma manifestação de uma crise de sentido. Esse sentido, essencial à existência humana, parece cada vez mais diluído em um cenário de exigências desmedidas e incessante busca por produtividade. O ser humano se encontra dividido entre o desejo de pertencer e a experiência de um vazio que o aliena de si mesmo.

1.2 Tonalidades Afetivas no Mal-Estar Contemporâneo

As tonalidades afetivas, ou *Befindlichkeit* (Heidegger), são modos fundamentais de como o ser humano se encontra no mundo. Durante o uso de drogas, tonalidades como angústia, desespero e apatia assumem papel central. A tonalidade afetiva, conceito central na fenomenologia, é a maneira como o mundo nos é dado em termos de sentido e emoção. No contexto atual, observa-se uma predominância de afetos como ansiedade, apatia e desesperança. Esses estados não surgem isoladamente, mas como respostas ao confronto com uma realidade cada vez mais fragmentada e exigente. A angústia, na fenomenologia, não se refere a um medo específico, mas a uma experiência de vazio e desorientação frente à liberdade e às possibilidades. A droga, nesse caso, pode ser usada para silenciar essa angústia, criando uma ilusão de estabilidade emocional.

Muitos usuários relatam sentir um profundo vazio ou desconexão com a realidade após o uso contínuo de substâncias. Esse estado reflete uma tonalidade de melancolia e alienação, na qual o mundo é experimentado como distante e sem sentido. Por outro lado, algumas substâncias proporcionam uma tonalidade de euforia que, embora temporária, pode ser vivida como um contraste desejável às dificuldades cotidianas. No entanto, essa tonalidade é frequentemente acompanhada por um retorno intensificado à angústia ou melancolia quando os efeitos da substância cessam.

A ansiedade, por exemplo, pode ser entendida como uma manifestação do embate com a abertura radical do futuro. Na contemporaneidade, essa abertura é permeada por incertezas e pressões que obscurecem a capacidade de o indivíduo projetar-se autenticamente. Giovanetti (2024), destaca que esse estado de inquietação constante reflete uma desconexão entre o sujeito e sua própria existência, conduzindo-o a uma experiência de desamparo e compulsividade.

Por outro lado, a apatia emerge como uma tentativa de proteção diante da sobrecarga emocional e informacional. Esse estado revela um fechamento em relação ao mundo, um afastamento que resulta em uma vida empobrecida em termos de relações e experiências significativas.

1.3 O Outro e a Construção do Sentido

A relação com o outro é fundamental na construção do sentido existencial. Pois é por meio do encontro que o ser humano se descobre e se reafirma em sua singularidade e pertencimento. Contudo, na contemporaneidade, essa relação sofre os impactos de uma sociedade marcada pela superficialidade das interações. Conforme Giovanetti (2024), o encontro autêntico com o outro é frequentemente substituído por relações mediadas por telas, onde a presença corporal e a escuta genuína são negligenciadas. Nesse contexto, o contato humano é fragmentado, reduzido a trocas rápidas e utilitárias, muitas vezes desprovidas de profundidade e abertura. A ausência do olhar direto, do toque e da linguagem não verbal, elementos essenciais para uma escuta fenomenológica, impede que a alteridade seja acolhida em sua complexidade e que a relação com o outro se constitua como um espaço de transformação mútua. Essa desconexão pode resultar em um crescente sentimento de solidão, vazio e isolamento, pois o ser humano, que se constitui em relação, não encontra o outro que sustenta e valida sua existência.

Além disso, a mediação tecnológica pode reforçar máscaras sociais, dificultando a exposição da vulnerabilidade e a construção de vínculos autênticos, elementos imprescindíveis para a superação do mal-estar existencial da contemporaneidade. Essa dinâmica compromete a capacidade de compreender e ser compreendido, gerando sentimentos de isolamento e solidão que permeiam as relações humanas na contemporaneidade.

Na perspectiva fenomenológico-existencial, o outro não é apenas um elemento externo ou um espectador da existência, mas um componente constitutivo do eu, fundamental para que o ser humano se reconheça e se projete no mundo. A ausência de encontros genuínos, onde o outro é acolhido em sua totalidade, dificulta a formação de vínculos que possibilitem a partilha de experiências, emoções e significados, elementos essenciais para a construção de um sentido existencial. Assim, a perda de conexões significativas intensifica o mal-estar, ampliando o sentido de fragmentação do ser e favorecendo o surgimento de um vazio existencial.

Segundo Giovanetti (2024), essa relação constitutiva, o eu encontra-se desamparado diante da liberdade e da responsabilidade de existir, o que pode

levar ao adoecimento existencial. Além disso, o distanciamento interpessoal enfraquece a capacidade de resiliência emocional e reduz as possibilidades de crescimento mútuo, essenciais para superar as angústias próprias da condição humana.

1.4 O Mal-Estar e a Questão do Ter e do Ser

Outro aspecto relevante do mal-estar contemporâneo que reforça Giovanetti (2024), é a primazia do ter sobre o ser, uma dinâmica que reflete os valores centrais da sociedade de consumo. Nesse contexto, promove-se uma ideia de felicidade vinculada à aquisição de bens materiais e à construção de uma imagem de sucesso, frequentemente mediada por aparências e validações externas.

A busca por reconhecimento e status social transforma-se em um objetivo central, impulsionando um ciclo interminável de consumo e competição, no qual o valor do indivíduo passa a ser medido pelo que ele possui, e não pelo que ele é. Essa lógica cria uma sensação ilusória de completude, pois enquanto o sujeito persegue incessantemente os ideais propostos pela sociedade, ele se distancia de si mesmo, ignorando suas necessidades emocionais e existenciais mais profundas, que anseia por conexão, autenticidade e sentido.

Assim, Giovanetti (2024) argumenta que esse desequilíbrio entre ter e ser intensifica a experiência de vazio existencial, à medida que o foco na acumulação de bens e no alcance de metas externas obscurece as questões essenciais da existência. O ser humano, ao se limitar ao material e ao imediato, afasta-se das reflexões que lhe permitem se reconhecer em sua condição finita, livre e singular.

Esse afastamento das questões fundamentais, como o sentido da vida, a finitude e a liberdade, compromete o desenvolvimento da autenticidade e amplia o sofrimento existencial. Além disso, o excesso de estímulos consumistas pode gerar um estado de alienação, no qual o indivíduo perde contato consigo mesmo, com suas emoções e com suas verdadeiras necessidades. A desconexão entre o ser e sua essência resulta em uma vivência fragmentada, marcada pela insatisfação e pela sensação de que, apesar de todo esforço e conquista, falta algo essencial à plenitude da existência.

Outro aspecto crucial desse fenômeno é que o modelo consumista não apenas define padrões inalcançáveis de sucesso, mas também estabelece ritmos de vida extenuantes, cujo o tempo para introspecção e convivência é constantemente reduzido. A ideia de estar sempre produzindo reforça a lógica do desempenho e da utilidade, colocando em segundo plano experiências que nutrem o ser, como o cultivo de relações significativas, a apreciação estética e a busca de transcendência. Nesse cenário, o ser humano se vê preso em um movimento contínuo de fazer, adquirir e exhibir, o que frequentemente gera ansiedade, exaustão e um profundo sentimento de insuficiência.

Adicionalmente, o consumo exacerbado promove uma uniformização dos desejos, nos quais a singularidade do indivíduo é substituída por aspirações massificadas e direcionadas pelo mercado. É o que afirma Giovanetti (2024), um enfraquecimento na capacidade de o sujeito construir sua própria narrativa existencial, contribuindo para uma vivência marcada por conformismo e pela ausência de escolhas autênticas. Como resultado, o ser humano contemporâneo é constantemente confrontado com a sensação de que está vivendo uma existência superficial, desconectada de sua própria essência e dos outros ao seu redor.

Portanto, para superar essa dinâmica e resgatar o equilíbrio entre ter e ser, torna-se necessário reavaliar os valores que fundamentam a sociedade atual e redescobrir caminhos que possibilitem experiências de autenticidade e sentido. Esse processo exige a criação de espaços que favoreçam a reflexão, o diálogo e a presença, bem como a valorização de dimensões do ser que transcendam o material, como a solidariedade e a criatividade.

1.5 Possibilidades de Superação

Apesar desse cenário de mal-estar, a abordagem fenomenológico-existencial oferece caminhos para a superação. Um desses caminhos é a redescoberta da abertura ao mundo e ao outro, promovendo experiências autênticas e significativas. Giovanetti (2024), enfatiza a importância da escuta fenomenológica como um instrumento valioso para reconectar o indivíduo com sua própria existência.

Essa escuta exige uma suspensão dos julgamentos e uma atenção plena ao que se revela na experiência. Por meio dela, é possível acolher as tonalidades afetivas que permeiam o mal-estar e, a partir disso, abrir espaço para novas possibilidades de ser. O trabalho psicoterapêutico, nesse contexto, é fundamental para ajudar o indivíduo a reencontrar-se consigo mesmo e com o sentido de sua existência.

2 ABORDAGEM EXISTENCIAL E O ADOECIMENTO EXISTENCIAL

A abordagem existencial na psicologia clínica oferece uma perspectiva que se afasta da visão mecanicista e fragmentada do ser humano, concentrando-se na experiência subjetiva e nas escolhas que moldam a existência. O adoecimento existencial, por sua vez, emerge como uma expressão das tensões inerentes à condição humana, quando há um descompasso entre o indivíduo e sua capacidade de responder às demandas de sentido, liberdade e responsabilidade em sua vida.

Essa perspectiva enfatiza que o sofrimento não é apenas um reflexo de fatores biológicos ou sociais, mas está profundamente enraizado nas questões relacionadas ao ser-no-mundo, à busca de autenticidade e à relação com o outro. Com isso, torna-se essencial compreender o adoecimento como parte de um contexto existencial mais amplo, no qual os modos de ser e as tonalidades afetivas revelam as dinâmicas internas e externas que permeiam a existência.

2.1 Modos de Existir Segundo Alguns Teóricos Existencialistas

O modo autêntico e inautêntico de existir. A angústia como reveladora das possibilidades de ser. A liberdade como condenação e a escolha como inevitável. A fuga para a má-fé no uso de drogas. A angústia como inerente à liberdade e a busca por sentido como um enfrentamento dessa condição. Estes conceitos são usados pelos teóricos existencialistas: Heidegger, Sartre e Kierkegaard. E serão apresentados neste trabalho individualmente.

2.2 O Modo de Existir e a Angústia na Perspectiva Heideggeriana

Segundo Heidegger (2015), em sua filosofia existencial, propõe uma compreensão do ser humano como um ente lançado no mundo, chamado de

Dasein. Esse conceito remete à existência enquanto uma abertura para possibilidades, que se desdobra em dois modos fundamentais de existir: o autêntico e o inautêntico.

O modo inautêntico caracteriza-se por uma relação alienada do indivíduo consigo mesmo, onde as escolhas e ações são predominantemente guiadas pelas convenções sociais, pelo impessoal. Nesse estado, o ser humano evita confrontar a realidade de sua própria finitude e se perde em distrações cotidianas, seguindo o que é esperado sem refletir profundamente sobre sua singularidade.

Por outro lado, o modo autêntico emerge quando o indivíduo assume uma postura de apropriação de sua própria existência. Aqui, a pessoa reconhece sua condição finita e abraça as possibilidades que decorrem de sua liberdade. Esse movimento não implica afastar-se da convivência com os outros, mas, sim, agir de forma consciente e responsável, em sintonia com aquilo que verdadeiramente importa para seu ser.

A angústia, no pensamento de Heidegger, desempenha um papel crucial nessa dinâmica, diferentemente do medo, que se volta para algo determinado. A angústia é um sentimento profundo que revela a ausência de amparo diante do nada que permeia a existência. É nesse estado de angústia que o Dasein se depara com a verdade de sua liberdade: o fato de que é o responsável por dar sentido à sua própria vida.

Esse encontro com a angústia desvela as possibilidades autênticas do ser, convidando o indivíduo a romper com o conformismo e a explorar um modo de existir que esteja alinhado com seu próprio projeto existencial. É por meio desse enfrentamento que se torna possível uma vida mais plena e significativa, na medida em que a pessoa escolhe seu caminho de forma consciente, mesmo diante da incerteza e da finitude.

Assim, o pensamento heideggeriano nos convida a refletir sobre a condição humana, mostrando que, ao nos voltarmos para as dimensões mais profundas da nossa existência, podemos encontrar um modo de ser mais verdadeiro e genuíno.

2.3 Sartre: Liberdade, Escolha e Má-Fé no Contexto do Uso de Drogas

Segundo Sartre, em sua filosofia existencialista, apresenta a liberdade como uma característica essencial do ser humano. No entanto, essa liberdade não é vivenciada como um privilégio fácil ou confortável; ela é percebida como uma condenação. Isso ocorre porque, ao existir, o ser humano é continuamente colocado diante da necessidade de escolher, e essas escolhas são inescapáveis. Mesmo a omissão ou a recusa em decidir já são, em si, uma decisão.

A liberdade, para Sartre, implica responsabilidade. Ao fazer escolhas, o indivíduo assume o peso de criar o significado de sua vida, já que não há um propósito pré-determinado ou um sentido imposto por alguma essência ou entidade superior. Esse estado de ser, no entanto, pode gerar angústia, pois revela a radical contingência da existência e a impossibilidade de escapar das consequências das escolhas feitas.

Diante dessa angústia, Sartre identifica o fenômeno da má-fé. A má-fé é um mecanismo de autoengano, no qual o indivíduo tenta fugir de sua liberdade e responsabilidade, assumindo papéis ou adotando crenças que aliviam temporariamente o peso de decidir. Essa fuga se dá, por exemplo, ao se esconder por trás de normas sociais, tradições ou comportamentos que diluem a singularidade da escolha pessoal.

No contexto do uso de drogas, a má-fé pode se manifestar de forma particularmente evidente. O indivíduo que recorre às drogas como uma forma de escapar da realidade ou de amortecer a angústia existencial está, de certa forma, renunciando à sua liberdade autêntica. O uso de substâncias pode ser visto como uma tentativa de adiar ou negar a necessidade de confrontar escolhas difíceis, entregando-se a uma ilusão de controle ou conforto temporário.

Porém, Sartre enfatiza que mesmo essa aparente fuga é, em última análise, uma escolha. O indivíduo que busca refúgio nas drogas ainda está exercendo sua liberdade, mesmo que de maneira inautêntica. Essa postura revela a complexidade da condição humana: ao tentar evitar a responsabilidade de ser livre, a pessoa acaba reafirmando sua liberdade de forma paradoxal, mas em desacordo com a possibilidade de uma existência genuína.

A superação dessa má-fé requer um reconhecimento honesto da própria liberdade e da responsabilidade de existir. Enfrentar a angústia, em vez de fugir dela, é o caminho para uma vida que esteja em sintonia com o projeto autêntico do ser humano, permitindo que as escolhas reflitam uma busca por significado e autenticidade, mesmo diante dos desafios e incertezas da existência.

2.4 Kierkegaard: Angústia, Liberdade e a Busca por Sentido

Esta reflexão apresentada por Kierkegaard tem considerações profundas sobre a condição humana, centrada na relação entre liberdade, angústia e o sentido da existência. Para ele, a angústia não é apenas uma experiência circunstancial, mas uma condição inerente à liberdade humana. Em sua obra, *O conceito de angústia* (2014), reflete sobre a condição humana, argumentando que a angústia é uma parte inerente à liberdade humana. Para o autor, o ser humano vive em um mundo de possibilidades infinitas, o que gera angústia diante da necessidade constante de fazer escolhas.

Ainda de acordo com o autor, a angústia emerge da consciência da liberdade. Esse estado de incerteza, em que as opções são vastas, obriga o indivíduo a confrontar a responsabilidade de sua própria existência. Ele explica que essa liberdade, longe de ser um privilégio, torna-se um fardo pesado, pois o ser humano deve constantemente decidir, confrontando o abismo de escolhas possíveis.

A angústia surge, segundo Kierkegaard (2014), da percepção das infinitas possibilidades que a liberdade nos oferece. O ser humano é lançado em um mundo onde deve continuamente escolher e, ao escolher, assume a responsabilidade por suas ações e pelo que se torna. Essa liberdade, longe de ser um privilégio confortável, revela-se também um fardo.

Portanto, para Kierkegaard (2014), a angústia não deve ser evitada, mas compreendida como parte do processo existencial. Ela funciona como um guia que direciona o ser humano para a autenticidade, um caminho que, embora repleto de incertezas, leva à realização de uma vida genuína e pessoal.

Esse sentimento de angústia é uma manifestação da abertura do ser humano para o desconhecido. Kierkegaard utiliza a imagem do salto para descrever como o indivíduo, ao fazer escolhas significativas, enfrenta a incerteza e a insegurança

inerentes à liberdade. Esse salto não se apoia em garantias ou certezas, mas na coragem de assumir o risco de viver autenticamente.

Além disso, Kierkegaard (2014) discute os estádios da vida, na qual o ser humano pode tentar escapar da angústia de diferentes formas. No estágio estético, ele busca prazer e distração para evitar confrontar questões existenciais mais profundas. Já no estágio ético, começa a assumir responsabilidades, embora possa se prender a um ideal abstrato. Somente no estágio religioso, segundo o autor, o indivíduo enfrenta de maneira plena sua angústia, aceitando sua finitude e se abrindo para o absoluto.

No que se refere à busca por sentido, Kierkegaard (2014) afirma que ela não é apenas uma questão racional, mas uma experiência existencial. Cada indivíduo, diante de sua angústia, é chamado a construir o seu próprio significado a partir de sua singularidade, ao mesmo tempo que reconhece a finitude humana e a presença do transcendente.

A busca por sentido na vida, conforme abordada por Kierkegaard, não é uma tarefa simples ou superficial. Ele propõe que a verdadeira busca por significado só ocorre quando o indivíduo confronta a angústia existencial, que revela a vastidão de possibilidades que a liberdade humana oferece. Kierkegaard (2014) argumenta que o sentido da vida não é algo que pode ser dado externamente ou conquistado de forma objetiva, mas sim algo que deve ser construído pela própria pessoa, em um processo de reflexão e autorresponsabilidade. Esse processo exige que o ser humano se liberte das distrações superficiais que muitas vezes tentam minimizar a angústia, como os prazeres momentâneos como os efeitos das drogas ou as convenções sociais que oferecem um sentido já pronto.

Para Kierkegaard, o indivíduo precisa assumir suas escolhas de forma autêntica e, ao fazer isso, enfrenta a ansiedade que acompanha a compreensão de sua própria liberdade. Essa liberdade é, portanto, simultaneamente uma bênção e uma maldição, pois enquanto oferece infinitas possibilidades de existência, também exige que o ser humano se confronte com sua finitude e com a responsabilidade de dar sentido à sua vida, algo que é impossível de ser realizado sem o enfrentamento da angústia que surge dessa liberdade.

A busca por sentido, nesse contexto, aparece como um enfrentamento dessa angústia. Para Kierkegaard, essa busca não é meramente racional ou objetiva,

mas profundamente existencial e subjetiva. Cada indivíduo é chamado a encontrar sentido em sua própria singularidade, em uma relação íntima consigo mesmo e com o transcendente.

No entanto, essa busca é desafiada por tentações de fuga. Kierkegaard descreve diversos estádios da vida que ilustram como o ser humano pode tentar escapar da angústia da liberdade. No estádio estético, por exemplo, a pessoa busca prazer e distração, evitando confrontar questões mais profundas sobre o sentido de sua existência. Já no estádio ético, ela começa a assumir responsabilidades, mas ainda pode ficar presa a um ideal abstrato de moralidade. Somente no estádio religioso é que o indivíduo, segundo Kierkegaard, enfrenta plenamente a angústia, reconhecendo sua finitude e abrindo-se ao absoluto.

Nesse processo, a angústia, longe de ser algo a ser evitado, torna-se um guia. É através dela que o indivíduo é levado a confrontar sua liberdade e a responsabilidade de construir um sentido para sua vida. Esse enfrentamento não promete resolver a angústia, mas transforma sua experiência, dando-lhe profundidade e autenticidade.

Assim, Kierkegaard nos convida a encarar a angústia como parte essencial da existência humana, um convite constante à autorreflexão e ao compromisso com a busca por um sentido que ressoe com a singularidade de cada ser. Sua filosofia nos lembra que viver autenticamente não é um estado de conforto, mas uma jornada corajosa e desafiadora rumo à realização pessoal e espiritual.

O filósofo utiliza o conceito de salto para ilustrar o movimento em direção à autenticidade. A angústia surge como um elemento essencial desse salto, que é caracterizado pela coragem de assumir as incertezas de viver, sem certezas garantidas, apenas pela vontade de ser autêntico (KIERKEGAARD, 2014). A proposta fenomenológica existencial, ao contrário de outras abordagens, enfatiza o reconhecimento do sujeito em sua totalidade, valorizando o diálogo, a compreensão e o acolhimento.

3 O USO DE DROGAS DO PONTO DE VISTA DA PSIQUIATRIA E DSM-V

O uso de substâncias psicoativas é um fenômeno amplamente discutido nos campos da psiquiatria e da psicologia. Ambas as áreas oferecem perspectivas complementares e, por vezes, divergentes sobre o diagnóstico, manejo e

intervenção relacionados às dependências químicas. Este capítulo busca explorar o uso de drogas sob a ótica da psiquiatria, com ênfase no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), esta abordagem é amplamente utilizada e validada cientificamente no tratamento dos transtornos causados pelo uso de substâncias.

3.1 Uso de Drogas e a Psiquiatria: A Perspectiva do DSM-5

A psiquiatria aborda o uso de drogas principalmente sob o prisma dos transtornos por uso de substâncias, classificados no DSM-5, como condições que refletem um padrão problemático de uso associado a prejuízos ou sofrimento significativo. Segundo o DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013), o diagnóstico é feito com base em critérios que avaliam: Controle prejudicado (ex.: dificuldade de reduzir o consumo); Comprometimento social (ex.: impacto negativo nas relações ou no trabalho); Uso arriscado (ex.: consumo em situações perigosas); Critérios farmacológicos (ex.: tolerância e abstinência).

Esses critérios segundo a psiquiatria permitem classificar a gravidade do transtorno como leve, moderada ou grave, orientando intervenções baseadas na intensidade do quadro. A psiquiatria também reconhece a influência de fatores genéticos, neurobiológicos e psicossociais no desenvolvimento e na manutenção do uso de substâncias.

O uso de substâncias psicoativas que alteram o funcionamento do sistema nervoso central, afetando o comportamento, humor, cognição e outros aspectos psicológicos. O (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) DSM-5 utiliza o termo transtorno por uso de substâncias para se referir a um padrão problemático de consumo que leva a prejuízos significativos ou sofrimento. É um fenômeno complexo, abordado por diferentes áreas do saber, incluindo a medicina, a psicologia, e a sociologia. O DSM-5 oferece uma perspectiva biomédica, classificando os transtornos relacionados ao uso de substâncias com base em critérios diagnósticos objetivos.

Os Critérios gerais para transtorno por uso de substâncias: são uso recorrente que resulta em falha em cumprir obrigações principais no trabalho, escola ou em casa. Uso contínuo em situações perigosas fisicamente. Uso persistente apesar de problemas interpessoais ou sociais causados ou exacerbados pela

substância. Desejo intenso ou compulsão para usar a substância. Desenvolvimento de tolerância (necessidade de doses maiores para obter o mesmo efeito). Presença de sintomas de abstinência quando o uso é reduzido ou interrompido.

Para o DSM-5, a drogadição é abordada predominantemente sob uma ótica biomédica e comportamental, focando nas alterações neuroquímicas e nos impactos psíquicos associados ao uso. Embora útil para diagnósticos, essa visão frequentemente ignora as dimensões existenciais que permeiam a relação do indivíduo com a droga. No entanto, é importante complementar essa abordagem com perspectivas teóricas que considerem as dimensões subjetivas, relacionais e existenciais do uso de drogas.

O DSM-5 define o uso de substâncias como um transtorno relacionado ao padrão de consumo que leva a prejuízos funcionais ou sofrimento significativo. A classificação abrange desde o uso leve até quadros graves de dependência, destacando aspectos como tolerância, abstinência e perda de controle.

3.2 Comorbidades e Implicações Clínicas

O uso de drogas frequentemente coexiste com outros transtornos psiquiátricos, como depressão, ansiedade e transtornos de personalidade. Essas comorbidades apresentam desafios diagnósticos e terapêuticos, exigindo uma abordagem integrada que contemple tanto o transtorno primário quanto o uso de substâncias (DSM-V, 2014).

4 USO DE DROGAS NA CONTEMPORANEIDADE A LUZ DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE MARCELO SODELLI

Nos últimos anos, o debate sobre as políticas relacionadas ao uso de drogas tem sido palco de intensas controvérsias, atravessando aspectos sociais, culturais e psicológicos. Neste contexto, Sodelli (2010) destaca que a drogadição não é um fenômeno novo; ela sempre existiu e faz parte da história da humanidade.

Ressalta Sodelli que, para alguns sujeitos, o uso de drogas pode ser compreendido como um modo de existir, uma forma de lidar com as tensões da liberdade, da angústia e da busca por sentido e apresenta uma análise crítica do modelo proibicionista tradicional à luz da compreensão fenomenológica

existencial. Sua análise sugere caminhos alternativos que valorizam uma compreensão mais humanizada e singular do fenômeno do uso de drogas, abrindo espaço para perspectivas que transcendem o reducionismo das abordagens convencionais.

Propõe Sodelli (2010), uma análise crítica do modelo proibicionista em relação ao uso de drogas, à luz da fenomenologia existencial. Parte-se da compreensão do ser humano como um ser inacabado, responsável por seu próprio cuidado, para evidenciar a incompatibilidade entre os objetivos proibicionistas e a singularidade da existência humana.

A partir dessa perspectiva, argumenta-se que a vulnerabilidade existencial, intrínseca à condição humana, é imutável, o que torna inviável qualquer estratégia preventiva baseada na erradicação completa do uso de drogas. Além disso, rejeita-se a visão proibicionista que associa o uso de substâncias a um comportamento necessariamente patológico ou desviante. Tem o objetivo de destacar a relevância de uma abordagem preventiva que valorize a singularidade humana, propondo a redução de danos como alternativa aos princípios proibicionistas.

4.1 A Abordagem Proibicionista: Limitações e Críticas

O modelo proibicionista está fundamentado, em grande parte, em uma perspectiva reducionista que enxerga o uso de drogas apenas sob a ótica da criminalidade, marginalizando os indivíduos que fazem uso dessas substâncias. Essa abordagem, frequentemente adotada por políticas públicas e práticas institucionais, ignora a complexidade inerente à existência humana, reduzindo o sujeito a rótulos e estigmas que não refletem a totalidade de sua experiência.

Conforme apontado por Sodelli (2010), essa visão desconsidera que o uso de drogas é um fenômeno multifacetado, profundamente entrelaçado com as vivências, angústias e contextos únicos de cada pessoa, o que demanda uma compreensão que vá além da mera aplicação de sanções legais.

Sob a perspectiva de Sodelli, o proibicionismo não apenas perpetua estigmas associados ao uso de drogas, mas também intensifica o sofrimento psíquico e social dos indivíduos que se encontram nessa condição. Ao priorizar a repressão e a exclusão, essa abordagem reforça ciclos de vulnerabilidade e adoecimento

existencial, nos quais a pessoa é privada de espaços de escuta e acolhimento, fundamentais para a elaboração de suas questões internas.

A falta de oportunidades para tratar as demandas subjetivas de forma construtiva e humanizada contribui para a ampliação do sofrimento, limitando a possibilidade de que esses indivíduos estabeleçam relações mais saudáveis consigo mesmos e com o mundo ao seu redor. Nesse sentido, a crítica ao modelo proibicionista transcende a discussão sobre drogas em si, convocando uma reflexão mais ampla sobre o modo como a sociedade lida com a diferença, a vulnerabilidade e o sofrimento humano.

4.2 A Perspectiva Fenomenológica Existencial

Segundo Sodelli a fenomenologia existencial, como abordagem psicológica, propõe uma visão ampliada e integradora sobre o fenômeno do uso de drogas, indo além das explicações reducionistas que fragmentam o ser humano em categorias ou diagnósticos. Essa perspectiva compreende o indivíduo em sua totalidade, reconhecendo a singularidade de sua vivência, os significados atribuídos às suas escolhas e a forma como ele se relaciona com o mundo. Nesse contexto, as experiências subjetivas, as angústias e as formas de enfrentamento ganham centralidade, permitindo uma compreensão mais profunda e humanizada do fenômeno.

O uso de substâncias psicoativas pode ser interpretado como uma tentativa de lidar com o mal-estar existencial ou de preencher um vazio existencial na visão de Sodelli. Para além de uma visão patologizante, o consumo de drogas é situado como uma manifestação da busca humana por sentido, uma resposta às tensões inerentes à condição de estar no mundo. O sujeito, frequentemente atravessado por sentimentos de desamparo, solidão ou desconexão, recorre às drogas como forma de atenuar ou transformar experiências internas de sofrimento.

Sob essa ótica, o uso de drogas não é visto apenas como um problema em si, mas como um fenômeno que emerge a partir das relações do indivíduo com seu contexto de vida, suas escolhas e suas possibilidades de existir. Essa compreensão amplia as perspectivas de cuidado, pois desloca o foco da substância para a pessoa e suas necessidades existenciais. A fenomenologia

existencial, assim, convida a uma escuta mais atenta e sensível, capaz de acolher as histórias e os sentidos que cada sujeito atribui à sua experiência, promovendo caminhos que favoreçam um encontro mais autêntico consigo mesmo e com o mundo.

4.3 A Redução de Danos como Alternativa

Ao propor uma superação do modelo proibicionista, Sodelli destaca a política de redução de danos como uma alternativa viável e mais humanizada. Essa abordagem reconhece a impossibilidade de eliminar completamente o uso de drogas e busca minimizar seus impactos negativos na vida dos indivíduos e da sociedade.

A redução de danos é fundamentada em princípios de respeito à singularidade do sujeito e à autonomia de suas escolhas. Nesse sentido, ao invés de estigmatizar ou punir, a abordagem busca compreender os contextos em que o uso de drogas ocorre, oferecendo suporte para que o indivíduo possa encontrar outros meios de lidar com suas questões existenciais.

4.4 Implicações para a Prática Psicológica

A compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas traz implicações profundas para a prática psicológica, oferecendo novas possibilidades para o cuidado e o acolhimento. Dentro dessa abordagem, o terapeuta busca enxergar o usuário como um ser em constante processo de construção, considerando a totalidade de sua existência, com seus dilemas, medos, esperanças e as escolhas que ele faz ao longo de sua trajetória. Essa visão integradora permite que o profissional se aproxime da experiência do sujeito de forma singular, respeitando os sentidos que ele atribui ao uso de substâncias e ao sofrimento que o acompanha.

A criação de um espaço de escuta acolhedora torna-se fundamental nesse contexto. Esse espaço deve ser livre de julgamentos, um ambiente onde o sujeito possa sentir-se compreendido e respeitado em sua humanidade. A postura do terapeuta, orientada por uma empatia genuína e pela suspensão de preconceitos, favorece a construção de uma relação terapêutica autêntica, na qual o vínculo é estabelecido com base na confiança e no reconhecimento

mútuo. Essa relação não é apenas um meio para a intervenção, mas um elemento terapêutico em si, capaz de oferecer ao indivíduo a segurança necessária para explorar e elaborar suas vivências.

Além disso, o trabalho clínico dentro dessa perspectiva deve ir além da tentativa de curar ou controlar o uso de drogas. O objetivo é auxiliar o indivíduo a ressignificar sua experiência e a compreender o papel que o uso de substâncias desempenha em sua existência. Nesse processo, o terapeuta atua como um facilitador, ajudando o sujeito a explorar formas mais construtivas e saudáveis de lidar com seu sofrimento e de se relacionar com o mundo. Assim, a prática psicológica, fundamentada na fenomenologia existencial, não apenas atende às demandas imediatas, mas também promove uma transformação mais ampla, permitindo ao sujeito reconectar-se com suas possibilidades de ser e existir de maneira mais autêntica.

Sodelli (2010) convida a uma reflexão profunda sobre as práticas e políticas relacionadas ao uso de drogas, propondo uma mudança de paradigma que valorize a dimensão existencial do ser humano. Ao compreender o consumo de drogas não apenas como um problema social ou ilegal, mas como um fenômeno existencialmente significativo, abre-se caminho para intervenções mais eficazes e humanizadas.

Dessa forma, o abandono do modelo proibicionista e a adoção de políticas baseadas na redução de danos podem contribuir para uma sociedade mais inclusiva, onde os indivíduos possam encontrar apoio e compreensão em sua busca por sentido e realização existencial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado explorou o adoecimento existencial e a drogadição a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, trazendo à tona os desafios contemporâneos de se viver em um mundo marcado pelo mal-estar existencial. A partir das reflexões propostas, foi possível reconhecer que, mais do que uma questão individual, o uso de substâncias psicoativas reflete e amplifica as tensões da existência humana no cenário atual.

No primeiro capítulo, analisou-se o mal-estar existencial da contemporaneidade, destacando como as tonalidades afetivas que permeiam a vida moderna, como

a ansiedade, a solidão e a angústia, estão profundamente enraizadas em dinâmicas de relação com o outro e consigo mesmo. A abordagem existencial, ao enfatizar a tensão entre o ter e o ser, oferece um olhar potente sobre a busca de sentido, revelando tanto as condições de possibilidade de um existir autêntico quanto os desafios impostos por um mundo voltado ao consumo e à performance.

O segundo capítulo aprofundou-se nos modos de existir a partir de teóricos como Heidegger, Sartre e Kierkegaard, revelando as nuances da liberdade, da escolha e da má-fé como aspectos centrais na relação do sujeito com o uso de substâncias. Essas reflexões trouxeram à luz que a drogadição não é meramente uma fuga, mas também um modo de lidar com as angústias e as contingências da existência. Nesse sentido, as obras dos pensadores existencialistas oferecem ferramentas valiosas para compreender a relação entre o sofrimento humano e a busca por alívio em contextos de adoecimento existencial.

No terceiro capítulo, o uso de drogas foi analisado sob as perspectivas da psiquiatria, e do DSM-5. Apesar de serem ferramentas importantes na prática clínica, essa abordagem foi refletida criticamente quanto à sua capacidade de abarcar a complexidade existencial do ser humano. A ênfase da psiquiatria contemporânea na medicalização, que também é droga, porém lícita, ancorada em uma visão predominantemente biológica, tende a reduzir o uso de substâncias a desequilíbrios químicos ou transtornos neurobiológicos. Ao delimitar comportamentos e sintomas em categorias diagnósticas, essa abordagem frequentemente negligencia o caráter singular e subjetivo da experiência de quem recorre às drogas, deixando de considerar as dimensões existenciais e afetivas que permeiam essa relação.

Finalmente, o quarto capítulo trouxe a Psicologia Fenomenológica de Marcelo Sodelli como uma contribuição central para compreender e abordar a drogadição. Sodelli destaca que a drogadição não é um fenômeno novo; ela sempre existiu e faz parte da história da humanidade. Ele ressalta que, para alguns sujeitos, o uso de drogas pode ser compreendido como um modo de existir, uma forma de lidar com as tensões da liberdade, da angústia e da busca por sentido.

A crítica ao modelo proibicionista, segundo Sodelli, está justamente em sua incapacidade de reconhecer essa dimensão existencial, tratando o uso de

substâncias como algo meramente a ser eliminado, bem como a ênfase na redução de danos, destacou a importância de práticas clínicas que reconheçam a experiência do sujeito em sua totalidade, valorizando o diálogo e a construção de alternativas que respeitem a liberdade e a singularidade do indivíduo. O autor aponta que políticas proibicionistas não resolvem o problema e, muitas vezes, apenas agravam o sofrimento do sujeito, ao ignorar o contexto e as motivações subjacentes ao uso.

A proposta fenomenológica existencial, ao contrário, enfatiza o reconhecimento do sujeito em sua totalidade, valorizando o diálogo, a compreensão e o acolhimento. A redução de danos surge como uma alternativa ética e eficaz, que não apenas busca minimizar os prejuízos associados ao uso, mas também respeita a liberdade e a singularidade do indivíduo, abrindo caminhos para que ele ressignifique sua relação com as substâncias e, principalmente, com sua própria existência.

Diante dessas reflexões, conclui-se que o uso de drogas, enquanto expressão de um adoecimento existencial, exige abordagens que transcendam os modelos meramente biomédicos ou comportamentais. A perspectiva fenomenológico-existencial emerge como uma proposta ética e integradora, capaz de reconhecer o sofrimento humano em sua profundidade e abrir caminhos para uma prática clínica que não apenas trate, mas que acolha e promova possibilidades de transformação.

O adoecimento existencial não pode ser reduzido a categorias diagnósticas estanques ou a explicações generalistas. Cada sujeito vivencia sua existência de maneira singular, sendo atravessado por experiências, relações e significações únicas. Na perspectiva fenomenológico-existencial, não se trata apenas de identificar sintomas, mas de compreender o modo como a pessoa se relaciona com o mundo, com o outro e consigo mesma.

O uso de substâncias psicoativas, dentro desse contexto, não pode ser encarado como uma resposta linear a um fator isolado, mas sim como um fenômeno que emerge de uma rede complexa de sentidos atribuídos pelo sujeito à sua experiência. Para alguns, pode representar uma tentativa de lidar com o vazio existencial, para outros, um meio de pertencimento, um refúgio ou até uma busca por transcendência. Assim, compreender o fenômeno da drogadição exige uma

escuta atenta às tonalidades afetivas que permeiam a existência de cada indivíduo.

Dessa forma, o enfoque existencial-fenomenológico nos convida a suspender pré-conceitos e abrir espaço para que o próprio sujeito revele, em sua narrativa, os significados e afetos envolvidos na sua relação com o uso de drogas. Não se trata de encaixar histórias em explicações prontas, mas de compreender, junto ao indivíduo, sua vivência e as possibilidades de ressignificação.

A psicologia clínica existencial fenomenológica propõe um modo de escuta e presença que privilegia a singularidade da experiência vivida, sem aprisioná-la em categorias fixas ou rótulos diagnósticos. No acolhimento ao sujeito que faz uso de drogas, essa abordagem se mostra especialmente potente, pois considera o sofrimento como expressão de um modo de ser-no-mundo, marcado por rupturas de sentido, conflitos internos e demandas relacionais profundas. Ao invés de buscar respostas prontas, o terapeuta se dispõe a caminhar ao lado do outro, reconhecendo as tonalidades afetivas que atravessam sua existência e respeitando seu ritmo, suas escolhas e sua liberdade de vir-a-ser. Trata-se de uma clínica do encontro, em que o diálogo autêntico pode abrir espaços de reconexão com o próprio desejo e com possibilidades mais criativas de lidar com a dor, o vazio e a angústia que muitas vezes acompanham o uso de substâncias. Nesse sentido, a fenomenologia existencial oferece um horizonte terapêutico que acolhe, escuta e sustenta o ser em sua complexidade, sem reduzi-lo a sintomas, desvios ou diagnósticos isolados.

Assim, este trabalho se encerra com a convicção de que compreender o adoecimento existencial e a drogadição à luz da fenomenologia-existencial não é apenas um esforço teórico, mas uma contribuição valiosa para a prática psicológica. Essa abordagem, comprometida com a dignidade, a liberdade e o sentido de escolha de ser de cada pessoa, nos convida a ir além de explicações reducionistas e categorias diagnósticas. Mais do que isso, aponta caminhos para que novas pesquisas aprofundem o entendimento sobre as tonalidades afetivas e existenciais que atravessam o uso de drogas.

A continuidade desses estudos pode inspirar práticas terapêuticas inovadoras e políticas públicas mais humanas, que não apenas acolham o sofrimento, mas também promovam possibilidades de reconstrução de sentido e de superação do adoecimento existencial. Este é, portanto, um convite para que a psicologia

continue a explorar, com rigor e sensibilidade, as complexidades do ser humano em busca de alternativas mais integrativas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- GIOVANETTI, J. P.; **Psicologia clínica fenomenológico-existencial: contribuições à prática psicológica**/Organização de Cláudia Lins Cardoso, José Paulo Giovanetti, Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, v.5. Belo Horizonte: Artesã, 2024.
- GONZÁLES REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**/Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. Tradução de Almiro Pisetta e Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, (OMS). **Drogas psicoativas**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/drugs-psychoactive#tab=tab_1
Acesso em: 12/01/2025.
- SARTRE, J-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SODELLI, M. **A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. 3, p. 637-644, 2010.